

COLUNA DO CASTELLO

MARCELO PONTES

Nervosismo na reta final

Há no comando das principais campanhas para presidente da República um indisfarçável clima de preocupação e nervosismo, nesta reta final da eleição. Tudo tende a ser muito tenso, daqui até 3 de outubro. É o momento mais decisivo, e por isso mesmo mais imprevisível da campanha eleitoral.

Qualquer escorregão, qualquer deslize pode ser fatal para um candidato. Quem está na frente nas pesquisas eleitorais, pisa em ovos. Quem está por baixo, joga suas últimas cartadas, entra em desespero.

O maior medo do comando da campanha de Fernando Henrique Cardoso, primeiro lugar nas pesquisas e com forte chance de se tornar presidente logo no primeiro turno, é de provocações de grupos ideológicos radicais que apóiam Luiz Inácio Lula da Silva, o segundo colocado.

Não se descobriu, concretamente, nenhum plano, nenhuma conspiração de petistas para criar tumultos nestas duas semanas finais da campanha eleitoral. Mas políticos que assessoram bem de perto Fernando Henrique dizem que essas coisas não se planejam — simplesmente podem acontecer.

Lembram que é muito normal em qualquer eleição, desde a de prefeito até a de presidente da República, a infiltração de militantes de uma candidatura num comício ou em qualquer outro ato de campanha do adversário. Em circunstâncias normais, eles vão lá apenas para espionar. Na reta final da campanha, o desespero diante da ameaça de uma derrota pode levá-los a fazer provocações. Afinal, há três meses Lula tinha uma eleição praticamente garantida. Agora, corre o risco de vê-la perdida definitivamente em 3 de outubro.

A pior coisa que poderia ocorrer agora à candidatura de Fernando Henrique, segundo seus assessores, seria um incidente com militantes do PT. Iniciado um confronto, não se tem controle dele. Um cadáver a esta altura faria tremer as urnas. Por isso, existe na campanha de Fernando Henrique a recomendação de extrema cautela nesta fase final.

Os perigos para Fernando Henrique, como a sua própria assessoria reconhece, não estão apenas no campo do adversário. Eles existem também ao seu lado. Afinal, desde que a campanha

eleitoral começou, as maiores dificuldades de Fernando Henrique foram provocadas exatamente pelos que o apóiam. É o que a assessoria de marketing da campanha chama de *fogo-amigo*, de que são o melhor exemplo os disparos feitos por soldados americanos contra seus próprios companheiros, durante a Guerra do Golfo.

A campanha de Fernando Henrique passou por três grandes provas de fogo. A primeira delas foi a aliança com o PFL. O candidato e o seu partido, o PSDB, foram duramente criticados por se coligarem com políticos que participaram dos governos militares. As motivações principais do acordo foram três: aumentar o tempo do candidato na propaganda eleitoral no rádio e na televisão; conquistar votos em redutos onde Fernando Henrique sequer era conhecido, como no Nordeste, região onde se concentram 27% do eleitorado do país; e garantir antecipadamente condições de governabilidade no futuro Congresso. Os políticos que atacaram duramente o acordo do PSDB com o PFL estão saindo derrotados da eleição.

A segunda prova de fogo de Fernando Henrique foi a troca do candidato a vice-presidente. Guilherme Palmeira foi obrigado a desistir da disputa depois da descoberta de que um dos funcionários de seu gabinete recebia propina para fazer tráfico de emendas ao Orçamento que beneficiavam uma determinada empreiteira. Marco Maciel o substituiu.

A terceira prova seria fulminante se não tivesse sido enfrentada com determinação e resolvida com rapidez: a queda do ministro Rubens Ricupero. Neste ponto, Fernando Henrique ficou devendo tudo à habilidade política poucas vezes reconhecida no presidente Itamar Franco.

De um sábado para um domingo, o presidente tomou a decisão de demitir Ricupero e encontrou em Ciro Gomes uma solução de forte impacto político. Hoje, já não se fala mais em Ricupero. Ciro ocupou os espaços.

Tanto que se passou a temer também, na campanha de Fernando Henrique, que Ciro cometa excessos com a sua mania de dar inúmeras entrevistas por dia, sempre falando com muita espontaneidade. Ele é assim mesmo, e dificilmente mudará. Mas, quando quer, sabe ser prudente.